

Evento: XX Jornada de Extensão

O PAPEL DA PSICOLOGIA FRENTE AO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL¹

THE ROLE OF PSYCHOLOGY REGARDING POPULATIONAL AGEING

Alessandra Caroline Fridrich², Lála Catarina Lenzi Nodari³

¹ Projeto de pesquisa da monografia final do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI;

² Acadêmica do 10º semestre do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI,
alessandra.fridrich@gmail.com;

³ Orientadora, Docente do Curso de Psicologia da UNIJUI, lalan@unijui.edu.br;

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno global. No Brasil, nos últimos 77 anos ocorreu um aumento de 30,5 anos na expectativa de vida, de modo que, uma pessoa nascida em 1940, viveria em média até os 45,5 anos, enquanto os nascidos em 2017 esperam viver até os 76 anos de idade. A expectativa de vida dos idosos também aumentou nesse período: “em 1940, de cada mil pessoas que atingiam os 65 anos de idade, 259 atingiriam os 80 anos ou mais. Em 2017, de cada mil idosos com 65 anos, 632 completariam 80 anos” (IBGE, 2018, n.p).

Acerca do envelhecimento Maud Mannoni em “O nomeável e o inominável” (1995, p. 21) coloca que geralmente ao falarmos de velhice, parecemos nos referir a um “catálogo de tudo que enfraquece com a idade”. Mas quando é que a velhice começa? Não é a idade cronológica, as mudanças fisiológicas ou a presença/ausência de doenças que vai dizer sobre isso; os fatores econômicos, sociais e culturais vão tratar de como esse fenômeno vai ser percebido. É a partir do outro que ela é sentida. O idoso, ao ser tratado como objeto de cuidado, e não mais como sujeito, entra em decadência psíquica (MANNONI, 1995), ou seja, ao tratarmos o velho apenas a partir da doença, ou da improdutividade econômica, é isso que fazemos.

Diante do panorama demográfico marcado pelo envelhecimento da população e com projeções que prometem o aumento exponencial do número de idosos no país, como pensar a velhice para além do assistencialismo – como um fardo a ser sustentado pela parcela jovem – e da doença como limitante de qualidade de vida? Como a Psicologia está atuando com esses que envelhecem?

METODOLOGIA

A pesquisa em questão tem caráter exploratório, buscando uma compreensão mais profunda sobre o papel da psicologia nos processos de envelhecimento e os temas prevalentes à velhice para fins de construção do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia. Para tal, serão utilizadas referências bibliográficas e legislativas disponíveis em documentos físicos e eletrônicos, livros e artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O desafio do tema já se coloca em definir sobre quem estamos falando: sobre os velhos, claro. Mas quem são eles? Mucida (2014) vai dizer que o conceito de velhice é difícil de se estabelecer pela singularidade com a qual se apresenta a cada sujeito; já o envelhecimento é um processo inerente a todos seres humanos e que acompanha a todos desde o nascimento, vindo marcado por

Evento: XX Jornada de Extensão

reduções e modificações das funções do organismo.

O período de vida depois dos 60 anos, usualmente intitulado terceira idade, seria aquele em que o sujeito vivencia os processos propriamente ditos de envelhecimento; processo marcado por inúmeras alterações físicas e psíquicas que vão se somando no decorrer do tempo, sendo, porém, singulares a cada sujeito.

A Organização das Nações Unidas - ONU, estabelece a idade cronológica de 60 anos para categorizar aquele chamado de velho e, a partir disso tomar medidas administrativas em relação a ele (BACELAR, 2002). No Brasil, essa idade também é parâmetro para o corte etário. O Estatuto do Idoso, posto pela Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, assegura os direitos às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2003).

Desde o século XIX o Brasil apresentava um padrão demográfico estável, a partir da década de 40 os níveis gerais de mortalidade começam a cair e, após a década de 60, quedas expressivas nos níveis de fecundidade, fizeram com que a transição demográfica, resultante da redução na taxa de crescimento populacional e alteração da estrutura etária do país seja uma das mais velozes, quando comparadas a outros países que passaram pelo mesmo processo (IBGE, 2016).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, responsável pelos censos demográficos, pesquisas e estudos do país publicou, em 2014, uma síntese dos indicadores sociais, fazendo uma análise das condições de vida da população brasileira e apontou uma participação de idosos de 13% do total da população em 2013.

A população com 60 anos ou mais de idade passa de 14,2 milhões, em 2000, para 19,6 milhões, em 2010, devendo atingir 41,5 milhões, em 2030, e 73,5 milhões, em 2060. Espera-se, para os próximos 10 anos, um incremento médio de mais de 1,0 milhão de idosos anualmente. Essa situação de envelhecimento populacional é consequência, primeiramente, da rápida e contínua queda da fecundidade no País, além de ser também influenciada pela queda da mortalidade em todas as idades (IBGE, 2015, p. 146)

Ao falarmos de envelhecimento populacional, uma das principais preocupações é a previdência social. No Brasil, quando foi instituída em 1960, a aposentadoria por idade era concedida aos homens que já tivessem 65 anos completos, e a mulheres com 60 anos (BRASIL, 1960), nesse mesmo ano a expectativa de vida para aqueles que já haviam completado 65 anos era de, em média, mais 11,4 anos e a expectativa de vida ao nascer de 52,5 anos. A expectativa de vida ao nascer em 2017 era de 76 anos, sendo 72,5 para homens e 79,6 para mulheres e, para aqueles que já haviam completado 65 anos era de mais 18,7 anos (IBGE, 2018).

Mannoni (1995) lembra que esse prolongamento na vida, apesar de positivo para aqueles que o usufruem, é sentido pela sociedade como um aumento no número de improdutivos. No início do século passado, quando aposentadoria e morte andavam lado a lado, os velhos, pouco numerosos, eram acolhidos por suas famílias. Hoje isso não acontece mais.

Com o aumento expressivo do número de idosos na população observado através das modificações na pirâmide etária, o perfil epidemiológico do país começa a mudar também. O

Evento: XX Jornada de Extensão

panorama atual é de uma tripla carga de doença: persistem doenças parasitárias e infecciosas, além permanência de algumas características de países subdesenvolvidos, como a desnutrição, e mortes infantis e maternas por causas evitáveis, contamos agora também com o acréscimo das doenças crônicas e seus fatores de risco (BRASIL, 2010).

Renato Veras (2014), em seu artigo “Novos desafios para o jovem país envelhecido”, ressalta que a passagem para enfermidades complexas próprias da faixa etária, como as doenças crônicas e seus agravos, levam a um crescimento nas despesas médicas e hospitalares, o que se torna um desafio para as autoridades em saúde, que devem pensar novos modelos de planejamento, gestão e prestação de cuidados. “O idoso consome mais serviços de saúde, as internações hospitalares são mais frequentes e o tempo de ocupação do leito é maior quando comparado a outras faixas etárias” (p. 332).

Mesmo com perdas desde a infância e adolescência, enquanto elas forem esporádicas e remediáveis, não se falará em envelhecimento, somente quando não são mais contornáveis, o declínio do corpo denuncia o inevitável: envelhecemos (BEAUVOIR, 1990). Os avanços nas tecnologias em saúde diminuíram o horror físico da doença: próteses, implantes, procedimentos terapêuticos, entre outros, diminuem - e até mesmo, extinguem - as alterações visíveis, sendo possível separar o corpo da doença e o corpo doente (MANNONI, 1995). Isso vai refletir no espaço social de integração ou não desses sujeitos. No caso da velhice as marcas do tempo impressas no corpo, causam o mesmo espanto do corpo doente, levando os idosos à exclusão ou reclusão voluntária, as quais acarretam inúmeras consequências e, principalmente, o sofrimento psíquico.

No contexto sociocultural ocidental, a juventude e a terceira idade representam estilos e modos de ser no mundo, opostos. A velhice é evitada a todo custo, e quase apagada de nossa realidade, enquanto a juventude representa um padrão ideal que deve ser estendido a todas as faixas etárias. A velhice é percebida como doença ou solidão, seus sinais denunciam o fim da vida, o que leva esses sujeitos à lugares desprestigiados e estigmatizados na sociedade (BARROS, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de suas pesquisas para a produção do livro “Envelhecimento e Produtividade” (2002, p. 23), Bacelar, depara-se com um acervo bibliográfico com o massivo interesse no assistencialismo e na saúde do idoso, “como se velho fosse sinônimo de doente” e Mannoni (1995, p. 21) nos chama atenção ao colocar que ao falarmos de velhice, parecemos nos referir a um “catálogo de tudo que enfraquece com a idade”. Mas a velhice não tem nada a ver com as mudanças fisiológicas ou doenças. Os fatores econômicos, sociais e culturais vão tratar de como esse fenômeno será percebido. É no olhar do outro, no discurso, que é vista a própria velhice.

O idoso, ao ser tratado como objeto de cuidado, e não mais como sujeito, entra em decadência psíquica (MANNONI, 1995). Então, ao tratarmos o velho apenas a partir da doença, ou da improdutividade econômica, marginalizamos o idoso e horrorizamos a velhice porque ela parece denunciar nossa própria finitude.

Freire, Sommerhalder & Silveira (2003) colocam que o principal desafio é "criar condições acessíveis a todas as pessoas independentemente do nível socioeconômico e cultural, para um envelhecimento saudável do ponto de vista biopsicossocial" (p. 186). Isso depende de um trabalho interdisciplinar, aliado principalmente à gerontologia.

Contextualizada a questão do envelhecimento, podemos pensar que “a psicologia pode

Evento: XX Jornada de Extensão

contribuir em três níveis principais: na crítica social, na intervenção comunitária e no atendimento a indivíduos” (FREIRE; SOMMERHALDER & SILVEIRA, 2003, p. 186). Esses três pilares andam lado a lado, a crítica social ao lugar que o idoso ocupa e como é tratado deve ser constante, repensar políticas, participar e modificar programas e instituições de cuidado é fundamental, e a clínica com idosos é de uma urgência incontestável.

Cada vez mais, o trabalho da psicologia será solicitado junto às instituições, no acompanhamento de indivíduos, familiares e cuidadores, demandas as quais os profissionais do campo da psicologia devem estar preparados a responder (NÉRI, 2004).

Em 2004, a *American Psychological Association* (APA), elaborou um conjunto de recomendação para a assistência à população mais velha; em 2014 foram revisadas, dando ênfase à importância de conhecer a dinâmica social e psicológica do processo de envelhecimento, familiarizar-se com os aspectos biológicos de saúde, destacando a importância do trabalho interdisciplinar (RIBEIRO, 2015).

Mucida (2014) questiona a posição da psicanálise em relação aos velhos, creditando uma parcela da responsabilidade ao desinteresse dos analistas ao próprio pai da psicanálise, Freud, que não encorajava a prática, embora tenha sido categórico ao afirmar que a psicanálise deve responder às questões vindas do mal-estar da cultura. Certamente a velhice hoje não é a mesma dos tempos de Freud. Ao falarmos dela surge sempre um desconforto porque ela denuncia nossa finitude, inconcebível ao inconsciente. Mas se o sujeito do inconsciente não envelhece, existe aí, uma clínica possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELAR, R. **Envelhecimento e produtividade:** processos de subjetivação. 2.ed. rev. Recife: fundação Antônio dos Santos Abranches. FASA, 2002.

BARROS, M.M.L. **A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira.** In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Corpo, envelhecimento e subjetividade.* 2ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 45-64.

BEAUVOIR, S. **A velhice.** Tradução de Maria Helena Franco Monteiro - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORGES, G.M.; CAMPOS, M.B.; SILVA, L.G.C. **Transição da estrutura etária no Brasil:** oportunidades e desafios para a sociedade nas próximas décadas. In: IBGE, *Mudanças demográficas no Brasil no início do século XXI.* Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Estudos e Análises: informação demográfica e socioeconômica, n. 3. - Rio de Janeiro, 2015. p. 138-151.

BRASIL. **Lei Nº 10.741,** de 1º de outubro de 2003. Estatuto do Idoso. Brasília, out. 2003.

BRASIL. **Lei Nº 3.807,** de 26 de agosto de 1960. Lei Orgânica da Previdência Social. Brasília, ago. 1960.

Evento: XX Jornada de Extensão

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Nº 4.279**, de 30 de outubro de 2010. Estabelece as diretrizes para a organização da Rede de Atenção à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União. Brasília, dez. 2010.

FREIRE, S.A.; SOMMERHALDER, C.; SILVEIRA, R.A. **Contribuições da psicologia para o estudo do envelhecimento:** teoria e intervenção. Arq. Ciênc. Saúde Unipar, 7(2): maio./ago. 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese dos indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Estudos e Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica. n. 34. - Rio de Janeiro, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Em 2017, expectativa de vida era de 76 anos.** Editoria: Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23200-em-2017-expectativa-de-vida-era-de-76-anos>. Acesso em 19 de mai. 2018.

MANNONI, M. **O nomeável e o inominável:** a última palavra da vida. Tradução, Dulce Duque Estrada; revisão e apresentação, Betty Bernardo Fuks. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece** - psicanálise e velhice. 2ª ed. rev. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NÉRI, A.L. **Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice.** Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 69-80 - jan./jun. 2004.

RIBEIRO, P.C.C. **A psicologia frente aos desafios do envelhecimento populacional.** Minas Gerais: Revista Institucional de Psicologia. 8 (2), Edição Especial, dezembro, 269-283, 2015.

SIMÕES, C.C.S. **Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população.** Celso Cardoso da Silva Simões. - Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2016.

VERAS, R. **Novos desafios para o jovem país envelhecido.** In: GOLDENBERG, M. (Org.). Corpo, envelhecimento e subjetividade. 2ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 329-339.